



# קולינו KOLEINU

Volume 01, 04 de Junho de 2015

De forma geral, lemos pouco na Tnuá, e escrevemos menos ainda. O jornal *Koleinu* é uma forma de tentar reverter esse quadro, trazendo textos de chaverim para chaverim, para nos aprofundarmos, debatermos e estudarmos mais os temas trazidos. Qualquer tema pode ser trazido no Iton, desde que um chaver se disponha a escrever sobre ele. Convidamos a todos que ainda não escreveram a escrever nas próximas edições!

Boa leitura e Alê ve' Hagshem!

Extraterrestre

*Nadav Davidson, pág 01*

O Habonim Dror e o Judaísmo Cultural Humanista

*Felipe KG, pág 02*

Desastre Nosso de cada Dia

*Coxa Mazal Krauss, pág 05*

"Socialismo, Marx, Marx!"

*David Danziger, pág 07*

Entrevista: Happy Joe

*Coxa, João, Joe e Albi, pág 09*

# Extraterrestre

*diário dum Sheliach*

*Nadav Davidson, 18/05*

Shalom, para você que ainda não me conhece, meu nome é Nadav e sou o novo Sheliach de nosso HaBonim Dror em Brasil. Um prazer!

Vou a tentar de contar um pouco de como é ser um estrangeiro em Brasil e oferecer outra vista do Dror como pessoa que vê ele com olhos novos. Para começar, quero dizer que sua bem vinda foi ótima – melhor impossível! Começando com a galera de Rio de Janeiro que busco a gente do aeroporto e encheram nossa casa de comida e presentes, passando pela Hanaga Artzit que ofereceu uma apresentação ótima da Tnua e acabando com o mais importante – o encontro com todos os Snifim nas (super legais) Haboneadas em Curitiba e a sensação que de verdade estive esperado e que nosso trabalho conjunto vai ter muito êxito!

Se bem quero falar das diferenças chave entre Brasil e Israel, acho que duas delas são as mais notáveis. A primeira é que, não como na Israel mesma, aqui no Brasil os movimentos juvenis estão realmente dirigidos pelos jovens. Esse é um ponto que não me surpreendeu mas sempre cheia me de orgulho e satisfação vê-los aos Bogrim de 18-22 anos executar projetos, liderar equipes de trabalho, planejar o futuro – também para as tarefas imediatas como pelo prazo longo – para seu Snif e para sua comunidade inteira.

A segunda diferença tem que ver com o tamanho. Não sei como explicar a diferença de tamanho, já que não são somente outras distâncias sino também outro conceito de pensamento e de planejamento. Em Israel, se você tem um passagem de avião significa que seja por trabalho ou por férias, você vai a ter uma experiência única voando para outro país. Aqui, em Brasil, voar é como pegar um ônibus... É uma mudança bem grande, e não sei ainda quando vou a deixar de me emocionar com cada vez que o avião oferece uma vista de arriba da cidade... Com esse conceito estive surpreendido de descobrir uma ligação forte a pesar da distância que tem os distintos Snifim do Dror. Para mim, a ideia de facilitar os encontros entre os vários Snifim e realizar esses encontros o mais possível é um dos componentes do êxito que tem o Dror Brasil.

Acho que a forma na qual conseguem as Hanagot dos Snifim ficar em contato, intercambiar ideias e conselhos e conseguir marcos Tnuatiim em que os Chaverim podem se encontrar e resolver juntos os desafios ajuda muito ao cumprimento de nossas tarefas diárias como educadores judaicos.

Mas não todo é fácil. Tanto como os desafios diários (por exemplo, como marcar uma visita dum técnico na casa ou compreender o conceito de duas pessoas - motorista e cobrador - no ônibus), também no marco Tnuati a gente vai ter que enfrentar juntos os obstáculos. Eu vejo nosso maior desafio em continuando nosso trabalho educativo, trazendo mais conteúdo aos Chaverim e engajando com “Chanichim do século 21”, exatamente como melhorando nossa infra-estrutura organizacional dentro dos Snifim e entre eles. O trabalho é grande, mas estive muito feliz descobrir que com certeza há com quem cumprir-lo!

Espero seguir nosso esforço junto (se já começamos) ou te conhecer em breve (se ainda não passou)!  
Ale VeHagshem!

# O Habonim Dror e o Judaísmo Cultural Humanista, ou A história de amor entre o judaísmo humanista e a tnuá

*Felipe KG*

## **1) Antes do texto:**

A intenção deste texto é expor mais opiniões e (muito) menos conteúdo expositivo. Não tenho dúvidas de que, para buscar conteúdo sobre Judaísmo Humanista, há fontes melhores do que um texto meu, como o blog do rabino laico Jayme Fucs, o site da Society for Humanistic Judaism ([www.shj.org](http://www.shj.org)), o próprio estatuto do Habonim Dror, entre muitas outras.

Ainda antes de começar, acho necessário deixar claro minha definição do que é judeu: aquele que se identifica com a História, Povo e Tradição judaicos. A autoafirmação é essencial para exercer o judaísmo, sendo necessário reconhecer-se e ser reconhecido pela comunidade a sua volta (podendo essa comunidade variar desde um país a uma tnuá).

## **2) Por que o Judaísmo Humanista é uma necessidade para o Habonim Dror?**

Sem dúvida, o campo ideológico é onde mais entra a racionalidade na tnuá. O lado artístico, o trabalho com o emocional são extremamente importantes, mas costumam ser mais aplicados quanto discutimos nossa educação, Hadrachá, formação de kvutzá, entre outros. Nesse sentido, o Judaísmo, como ideologia propriamente dita, pode ser visto como algo racional e lógico. Precisamos de um motivo para acreditar nele, e a corrente cultural humanista supre essa necessidade, ao ponto em que busca explicação para as questões judaicas, humanas e sociais. A todo momento nos estimulamos e estimulamos nossos chanichim a questionar-se, a desenvolver um pensamento crítico, e não apenas aceitar o que é imposto. Lutamos, portanto, contra os dogmas existentes na Antiguidade, época onde grande parte das religiões surgiu, e as afirmativas que por vezes são vistas como verdades absolutas. Por que existe apenas um Deus? Será que existe ao menos um? Por que devemos amar o próximo como a nós mesmos?

O jovem e, mais ainda, o jovem de Tnuá, é e deve ser proativo, com vontade de agir e mudar a realidade a nossa volta. Pessoas transformam pessoas e, pensando nisso, quem melhor para ser o agente de suas próprias ações, e o centro da humanidade do que o próprio ser humano? O humanismo é a essência desse pensamento. Tudo o que fazemos ou pretendemos fazer depende apenas de nós, quando trilhamos nosso caminho e lutamos pelo que acreditamos. Isso fica claro na prática judaica cultural, onde o ser humano é posto como protagonista e principal objeto de análise. Afinal, assim, é possível discutir e questionar a Torá ou outros textos “sagrados”, pois se Deus fosse o foco, seria menos coerente essa visão crítica pois, podemos concordar ou não com a imagem divina, mas é impossível ao homem corrigir ações que transcendem o mundo humano.

Por fim, o Judaísmo Humanista se adequa ao Habonim Dror por permitir e estimular uma forte preocupação social, uma luta universal e não apenas judaica. Nesse ponto, é possível que outras formas de expressão do Judaísmo incluam a luta social afinal, elementos como Tikun Olam ou “ame ao próximo como a ti mesmo” já são presentes há séculos na mentalidade judaica. O nosso judaísmo é uma forma de enxergar o mundo, uma forma abrangente e universal, não excludente, que se preocupa com todo e qualquer ser humano e luta pela autodeterminação do povo judeu e de todos os povos do mundo.

### **3) Como é o judaísmo humanista no Brasil?**

Posso até tentar falar do Brasil, mas acabarei descrevendo a situação no Rio, muito mais próxima para mim. A maioria dos chaverim têm um primeiro contato com o Judaísmo como sendo uma religião ou, ao menos, como inseparável da religião. Esse é o ensino mais comum em nossas escolas, e muitas vezes essa é a ideia passada em casa pela família também. Se em algum momento se cogita afastar-se da ótica religiosa sem abandonar o judaísmo, o cultural-humanismo mostra-se a alternativa mais fácil.

Na diáspora, não estamos todo o tempo imersos em uma comunidade judaica, apenas frequentamos instituições judaicas: sinagoga, escola, clube, movimento juvenil. A exceção da Tnuá, que não considero uma congregação de grande porte (comparando com os frequentadores de uma sinagoga, ou membros de um clube) não há um centro judaico cultural-humanista para frequentarmos, então devemos escolher entre participar de um marco judaico que pode não nos representar plenamente, ou não participar de nada. Como é possível perceber, isso é menos frequente em Israel, por isso o Judaísmo Laico é tão mais fácil lá do que no Brasil. Quem vive entre milhões de judeus, tem feriado nacional nos chaguim, convive, mesmo que não queira, com elementos da cultura judaica em casa e na rua, não precisa de uma sinagoga para sentir-se judeu. Na diáspora, o nosso judaísmo fica baseado em negações. Não sou religioso, não acredito em Deus, não faço questão de rezar, entre outras desse tipo. Sabemos dizer o que não somos muito melhor do que o que somos.

Em decorrência deste repúdio a religião que ocorre com frequência, os chaverim muitas vezes não se interessam por estudar as fontes judaicas, dizendo não acreditar antes mesmo de buscar conhecer. Os chaverim da Tnuá, de forma geral, têm pouco conhecimento sobre Judaísmo, o que é muito prejudicial; se queremos celebrar tradições de modo cultural humanista, devemos antes conhecer a fundo estas tradições. Por fim, penso que há uma certa necessidade em rotular-se, em pertencer a uma corrente X ou Y. Há quem se diga judeu cultural humanista sem saber o que é humanismo, sem conhecer a cultural e sem ter construído seu judaísmo.

### **4) Como solucionar os problemas apresentados?**

O Judaísmo Cultural Humanista deve ser positivo, afirmativo, nós o seguimos porque nele acreditamos, e não por eliminação das outras opções. Devemos valorizar e conhecer elementos culturais, a história, os pensadores, o hebraico, as músicas. Devemos reconhecer a

existência e a importância das tradições, e não ver a religiosidade como condição para que elas existam; é necessário fazer uma releitura delas. Festejamos em Pessach não (talvez não somente) porque Deus salvou o povo judeu, mas para exaltar a liberdade do ser humano. Celebramos sukot para garantir a inclusão de todo aquele que quiser se juntar a nós.

É importante estar sempre buscando conhecimento e trabalhar sobre as fontes judaicas. Tanto de grandes filósofos e intelectuais, que podem ter mais ou menos relação com o Judaísmo, quanto aquelas consideradas religiosas. É essencial conhecermos a Torá, que não conta a história de Deus, mas a história do Homem, e contém uma infinidade de lições que têm muito a nos acrescentar. É essencial conhecer também o Talmud, por exemplo, com tantos ensinamentos e interpretações de sábios de diferentes épocas. Se eles podem repensar as fontes como lhes convém, é justo que nós também possamos. Não só podemos como devemos tirar nossas próprias conclusões. É importante conhecer diferentes opiniões, desde os já citados sábios antigos, até nomes importantes do Judaísmo hoje em dia, até textos de chaverim da Tnuá. Mas mais importante ainda é que cada um vá além e tire suas próprias conclusões, crie sua própria maneira de enxergar. Um rito coletivo pode fazer sentido para cada pessoa de maneira diferente, e isso é o que torna o Judaísmo Cultural lindo, a capacidade de pertencer ao grupo e encontrar sentido para si ao mesmo tempo. É ideal encontrar sentido em tudo o que fazemos, em cada chag, cada shabat cultural, cada ida a sinagoga ou a Tnuá. Só isso faz com que não mantenhamos certas tradições por inércia, mas porque isso continua sendo válido. Isso já é de certa forma trabalhado no Dror, mas sempre pode ser mais desenvolvido.

Que construamos nosso Judaísmo com detalhes. É difícil existir uma corrente judaica cuja definição se encaixe perfeitamente com a opinião de cada um, portanto é muito válido refletir sobre o maior número possível de marcos sociais e tradicionais, de acordo com o Judaísmo em que se acredita: chaguim, bar mitzva, sociedade, vida e morte, memória, tikun olam, Deus, tudo pode ser discutido, e todos temos potencial para formar uma opinião própria.

A comunidade cultural humanista no Rio de Janeiro está crescendo, e o Habonim Dror é um dos protagonistas disso. Na medida em que formamos chaverim conscientes de seu próprio judaísmo, e que consigam unir a crença no judaísmo com as lutas sociais ao nosso redor, sem precisar necessariamente escolher trabalhar pela comunidade judaica ou pela sociedade maior (seja no Brasil ou em Israel), estamos contribuindo para criar melhores condições de se praticar o Judaísmo Cultural Humanista.

# Desastre Nosso de cada Dia

*Coxa Mazal Krauss*

Dias 22 e 23 de Abril, aqui em Israel, comemorou-se o *Iom Haatzmaut*, com festas e shows ao longo de todo o país. Esses dias, porém, não coincidem com a data em que realmente foi a independência nacional (14/05/1948), graças às diferenças entre os calendários judaico e gregoriano. Não são todos que relembram os acontecimentos de 48 com a irregularidade do calendário lunar, entretanto; para os palestinos, o *Nakba* (desastre, catástrofe, em árabe<sup>1</sup>) é todo ano dia 15/05, sem maiores complicações.

O *Nakba* refere-se à expulsão, morte ou fuga dos palestinos que viviam onde hoje é território israelense. Assim como a nossa memória coletiva da fundação do estado ainda é fresca, com muitos *Chalutzim* vivos, também a é a memória de fuga e de exílio destes refugiados e de seus filhos. Ainda pode-se contar com relatos em primeira pessoa sobre os desdobramentos de 48. Alguns de alegria e júbilo, outros de tristeza e pesar.

A comemoração oficial do *Nakba* em 15/05 somente foi criada em 1998, por iniciativa de Yasser Arafat<sup>1</sup>. Isso já imediatamente associa a data também ao desejo de interromper a ocupação iniciada em 67 com a guerra dos seis dias, e à criação de um estado palestino na Cisjordânia e em Gaza. Esse ano não foi diferente. Em seu discurso do *Nakba* de 2015, um dia após a coalização de direita que governará na *Knesset* ter sido consolidada, Mahmoud Abbas clamou por exatamente isso<sup>2</sup>. Disse também que caso o novo governo não mude suas posturas em relação ao conflito, o que é esperado, a internacionalização do conflito continuará, através de ações na ONU<sup>3</sup> e na Corte Criminal Internacional e outras formas de apoio (por exemplo o apoio do Vaticano<sup>4</sup>), e não ações bilaterais. Essa postura advém do não cumprimento por Israel do mais básico pré-requisito para retomar as negociações de paz, que é o congelamento da construção de assentamentos além da linha verde. Nesse contexto em que a liderança israelense demonstra desinteresse em negociar<sup>5</sup>, movimentos para pressionar o país mais fortemente do que Abbas ganham força. Recentemente vimos tentativas de, por exemplo, boicote cultural (página Tropicália não combina com Apartheid<sup>6</sup> no Facebook) e de suspender a Associação Israelense de Futebol da FIFA por violações relacionadas à ocupação<sup>7</sup>.

Em face a essas tentativas, os sionistas, também na diáspora, prontamente se encarregam de combater repúdios à Israel<sup>8</sup>, o que muitas vezes acaba por extrapolar e combater qualquer crítica ao país. Pelo outro lado, o movimento que critica muitas vezes de fato ignora erros históricos da liderança árabe e palestina, e sim desconsidera os êxitos existentes do Estado no que diz respeito à democracia e liberdade. Acredito que nosso posicionamento não está em nenhum desses dois espectros; devemos saber ser sionistas sem deixar de criticar Israel, e clamar pela paz na região sem deslegitimá-lo totalmente.

Similarmente, como sionistas de esquerda, temos sim o papel de comemorar e alegrar-nos em *Iom Haatzmaut*, na mesma medida em que temos a responsabilidade de abraçar de alguma forma a

rememoração do *Nakba*, que de fato foi uma tragédia humanitária que ainda tem desdobramentos atualmente. O *Nakba* sim pode ter um tom totalmente contrário a existência do Estado judeu para vários grupos, porém isso não deve nos impedir que adotemos as posições que também sustentamos, fortalecendo-as enquanto enfraquece-se as outras. Em Israel, o dia é majoritariamente esquecido pela sociedade, e o próprio governo já tomou medidas efetivas para desincentivá-lo<sup>9</sup>. Essa tendência se expressa também na nossa diáspora, e deve ser revertida. A diferença dos calendários nos permite festejar num dia e, no outro, simpatizarmos com os mortos e exilados, questionarmos-nos sobre as relações israelo-palestinas e buscar caminhos para reaproximar os dois lados e reanimar o processo de paz, hoje em coma profundo.

1 - <http://www.haaretz.com/news/features/.premium-1.656267>

2 - <http://www.haaretz.com/news/diplomacy-defense/.premium-1.656645> .

3 - <http://edition.cnn.com/2014/12/30/world/palestinian-statehood-draft-vote/>

4 - <http://edition.cnn.com/2015/05/13/world/vatican-palestinian-statehood/>

5 -

<http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/israel-elections-benjamin-netanyahu-says-t-here-will-be-no-palestinian-state-if-voters-back-him-10111958.html> .

6 -

<https://www.facebook.com/pages/Tropic%C3%A1lia-n%C3%A3o-combina-com-apartheid/674346782699348>

7 - <http://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-4662770,00.html>

8 - <https://www.facebook.com/pages/Tropic%C3%A1lia-combina-com-Liberdade/1572466666369518>

9 -

<http://www.haaretz.com/print-edition/news/knesset-passes-two-bills-slammed-as-discriminatory-by-rights-groups-1.351462>

# "Socialismo, Marx, Marx!"

*David Danziger Regenber*

Sentamos em roda por que somos socialistas. Fazemos o kolbo, o cheder haochel, a kupá e damos subsídio por que somos socialistas. Somos a favor da justiça social por que somos socialistas.

Já ouviu isso? Bem, eu já. Bastante até. Essas são as práticas socialistas do Dror, ao mesmo tempo em que socialismo é igual à justiça social. Essa preocupação por igualitarismo e coletivismo é marcante do pensamento do mais famoso judeu barbudo: Jesus.

Se você ficou confuso com minha argumentação, vou tentar explicar. No Dror me parece vigorar o famoso pensamento do "socialismo em roda". Nesta forma de pensamento práticas de cunho coletivista e igualitário são tratadas como socialistas. Portanto, busca-se desta maneira igualar coletivismo, igualitarismo com socialismo. Assim, oferecer subsídios para quem não pode arcar dos custos do que for, cobrar de forma igual de todos (kupá) e oferecer o mesmo (kolbo, cheder haochel) na medida do necessário é considerado socialista (de forma muito engraçada, para além de piadas, sentar em roda, símbolo coletivista, seria equivalente a uma prática socialista). De forma irônica, práticas coletivistas que se aproximam mais de práticas socialistas não costumam ser colocadas nesta história, sendo vinculadas ao kibbutzianismo; por exemplo a formação de grupos de trabalho autônomos e igualitários submetidos à coletividade mais ampla (kvutzot, vaadot), não é colocada nessa história de socialismo em roda.

Assim, é necessário dizer igualitarismo e coletivismo *não* é igual a socialismo. Em toda a longa e diversa história do socialismo, este sempre esteve relacionado a uma potente crítica ao capitalismo e a uma visão de transformação social. Na minha concepção, reitero, esta é minha avaliação pessoal, socialismo necessariamente envolve a defesa de tanto o fim da propriedade privada dos meios de produção quanto o fim das classes sociais (na teoria marxista ortodoxa, estes fenômenos são extremamente ligados). Mas vocês talvez me digam: 'ah! mas nós somos a favor da justiça social! isso é socialista!'. A isso eu responderia: não, querer justiça social não é uma exclusividade socialista. É claro que os socialistas desejam a justiça social, mas bradar por 'justiça social' é algo vago. Todos desejam justiça social, é um desejo comum e genérico de todas as correntes políticas, pois quem seria a favor da injustiça social? O que deve-se notar é *o que* significa esta e *como* se chega à ela. Para essas



perguntas, cada grupo político distinto possui respostas diferentes: é isso que os distingue e estabelece o confronto político.

Tendo dito isso posso afirmar claramente: o Dror atualmente não é um movimento socialista; possui traços coletivistas e igualitários, mas *não é socialista*. Tampouco acredito que haja no Dror um contingente significativo de pessoas que sejam socialistas. Neste momento surge uma nova pergunta: *o Dror deve ser socialista?* Bem, eu pessoalmente acredito que sim, por convicções pessoais. Vendo Estatutos antigos, dos anos 50, posso dizer também que *o Dror já foi socialista*. Mas não acredito que isso seja significativo da necessidade de uma postura atual igual: o tempo passa, as coisas mudam. De qualquer maneira, o socialismo dos anos 50 não pode ser o socialismo contemporâneo. O Dror do passado não pode ser e não é o Dror contemporâneo.

Desta maneira, chego ao meu ponto final deste breve texto: *o Dror precisa discutir sobre socialismo*. Durante todo meu período em Shichavot Bogrot já ouvi barbaridades sobre socialismo e sobre socialismo na tnuá. Essas barbaridades ouvi nas poucas vezes em que vi este tema sendo discutido. Mais raramente ainda vi uma discussão positiva, bem levada e bem informada sobre socialismo na tnuá. De maneira geral, acredito que as pessoas sabem muito pouco sobre esta visão política: limitam-se a alguns senso comuns. Minha pretensão é a partir de pequenos textos introduzir discussões sobre socialismo, sionismo-socialista, esquerda, tanto no Brasil quanto em Israel, que espero que evoluam para estudos mais amplos e maior interesse por parte das pessoas e discussões presenciais. Por fim, estou sempre aberto para discussões, debates, perguntas, críticas; na verdade adoraria ver um debate a partir deste texto, sendo este seu propósito! Espero que vocês tenham tido uma leitura proveitosa e não muito chata e se sintam, num bom sentido, provocados.

(o título deste texto se refere ao famoso passo de dança da coreografia artzi no Carmel de 2012. posso estar errado em relação ao ano.)

Bjundas, David

## Entrevista: Happy Joe

Dia 26 de Abril, começou a circular por Israel um vídeo em que Demas Fikadey, judeu Etíope, Israelense e trajado do uniforme do Tzahal foi agarrado e agredido por dois policiais, também judeus, também israelenses, porém brancos. O fato de o agredido ser do exército mostrou que mesmo servindo o seu país, a população continua a ser discriminada por sua origem. O vídeo trouxe a tona diversos protestos em represália à violência policial e ao racismo. Esses tiveram grande repercussão na mídia israelense, e, em alguns casos, acabaram de maneira já familiar: lojas e carros depredados, gás lacrimogênico e balas de borracha.

A população etíope israelense é de cerca de 120.000 pessoas, vindas da Etiópia ou seus descendentes, e está concentrada em grande número em Netanya, Beersheva, Ashdod e outras cidades mais periféricas. A maioria veio através das operações feitas por Israel com apoio dos EUA, as duas maiores dessas sendo a Moisés (1984) e a Salomão (1991).

Coxa e João entrevistamos um etíope vindo em uma dessas operações, o (Happy) Joe, que trabalha conosco no Cheder Ochel do Kibbutz. Vamos deixá-lo contar mais sobre sua própria história:

**André** – Ok. Em primeiro lugar, qual o seu nome, seu sobrenome, e o seu apelido?

**Joe** – Meu nome é Joe. Sobrenome é Salomon, e o apelido é... Joe... *Sameach*.

**André** - E o que você faz aqui no Kibbutz?

**Joe** – Eu faço no Kibbutz vários *tafkidim* diferentes. Eu trabalho na cozinha, quando precisam de mim, às vezes trabalho na máquina de lavar pratos, no refeitório, eu trabalho em todo lugar. Todos são meus *tafkidim*, não tem problema.

**João** – E que que você fazia na Etiópia?

**Joe** – Na Etiópia... nós na Etiópia erámos pessoas tranquilas, eu trabalhava no campo com meu pai, todos os homens trabalham no campo com agricultura.

**André** – E você era uma criança pequena, certo?

**Joe** – Sim, uma criança pequena, tinha... uns dez, mais ou menos. Dez anos lá com a gente já é *boguer*, pode fazer tudo.

**André** – Qual ano você veio pra Israel?

**Joe** – 1992... em 1993 já estávamos todos aqui.

**João** – E qual avião, qual... *operation*?

**Joe** – Em primeiro lugar, antes de irmos pra Israel, começamos a pé...

**André** – A pé, mas também de avião?

**Joe** – Também avião. Andamos até um lugar em que passamos a noite, lá soldados estavam esperando a gente e um avião Jumbo, grande. Era uma coisa que a gente nunca tinha visto um avião assim, não sabíamos o que era. Aí subimos no avião.

**André** - E também sua família...?

**Joe** – Sim, minha família tá aqui. Minha mãe e meu irmão estão aqui. O meu pai não veio, ele está lá, ele ficou.

**João** - Ok. Como era a vida quando você chegou aqui?

**Joe** – Minha vida aqui em Israel era difícil, no começo. Tudo era esquisito. Eu era pequeno, então eu via tudo grande, diferente, a vida em Israel é com certeza diferente da na Etiópia, lá a gente trabalhava só com agricultura, aqui é tudo muito mais avançado.

**André** – E você esteve numa escola israelense?

**Joe** – Sim, estudei numa escola israelense, mas não no *Ulpan*. Me colocaram direto numa turma normal.

**André** – E como foi a língua, difícil?

**Joe** – No começo foi muito difícil, eu tinha vergonha de falar e ficava o tempo todo quieto. Não conhecia direito.

**João** – E qual foi o primeiro trabalho que você teve em Israel?

**Joe** – O primeiro trabalho foi ajudar as crianças com lição de casa, com matemática, inglês... Eu ganhei um certificado pelo trabalho.

**André** – Peraí, além do hebraico, quais línguas você fala?

**Joe** – Tigrino, em Israel eu aprendi o Amárico, inglês...

**André** – E hebraico.

**Joe** – Sim, e hebraico.

**João** – E como era a vida na Etiópia?

**Joe** – A vida na Etiópia...era uma vida boa, você sabe, lá não tem guerra, lá todo mundo é tranquilo. Não tem briga por causa de dinheiro, eu ajudava meu pai, ajudava minha mãe, ajudava quem precisasse. A gente criava vacas, cachorros, burros, plantávamos tomates, pepino, milho, um pouco de tudo, a gente tinha um campo muito grande, tinha até cavalos. Tinha muitos cachorros.

**André** – E você tem ainda amigos ou família na Etiópia?

**Joe** – Sim, quase todos os meus amigos estão lá, muitos não vieram pra cá. Pode até ser que tenham vindo, mas se vieram eu não sei, não tenho contato.

**João** – Também judeus, ainda na Etiópia?

**Joe** – Sim, sim, judeus. Lá todo mundo vive misturado, todo mundo vive como um. Lá a gente não sabe o que é guerra, por exemplo um soldado não pode atirar em mim. Todo mundo sabe disso.

**João** – E como era a comunidade judaica na Etiópia? Tinha sinagoga...?

**Joe** – Sim, tinha uma sinagoga, que ficava num morro alto, onde todos nós nos vestíamos de branco, ninguém se veste de preto, todos vem, todos de branco. Todo mundo reza, é muito bonito. Também temos *Rosh Hashaná*...

**João** – Tem todos os *chaguim* ?

**Joe** – Como em Israel, também tem. Tem *Iom Hatzmaut*, todo mundo sai na rua, ninguém fica em casa.

**André** – Também *Iom Hazikaron* ?

**Joe** – Tem *Iom Hazikaron* sim, todo mundo vai pra sinagoga e fazemos uma reza pra Deus.

**André** – Acho que é a última coisa, como você se sente sobre o que aconteceu na manifestação, e a violência pela polícia, o preconceito... essa situação. O que você acha, como você se sente?

**Joe** – Vou te responder com sinceridade. Fazia muito tempo que não havia uma coisa assim, eu vivo aqui há muitos anos, e não tinha sempre preconceito, ele começou nos últimos anos, não tinha antes. Como eu posso explicar isso... o preconceito aqui em Israel todo mundo

vive de uma forma diferente, você entende? Nem todo mundo aqui tem os direitos. Nós sentimos o que sentem essas pessoas, que nós não recebemos muita ajuda.

**André** – E você acha que o governo faz bem (sic) nessa situação, que não faz o suficiente, que faz o suficiente...?

**Joe** – O governo que tem agora?

**André** – Sim, o governo atual.

**Joe** – Não existe necessidade de chegar nesse nível de bagunça. É bom você manifestar para conseguir os seus direitos que você precisa, mas não precisa chegar nesse nível de confusão, pode fazer isso de uma forma mais pacífica. O que aconteceu nessa manifestação é que no começo tava tudo bem, porque eles queriam conseguir os direitos, mas aí vieram pessoas que fizeram confusão, aí tudo virou confusão. Mas não era pra ser assim, de forma alguma. Mas é assim, em qualquer lugar, em qualquer país, as pessoas tem direito de manifestar para conseguir seus direitos.

**João** – Sim, com certeza. Você quer voltar pra Etiópia, só pra dar um oi, como vai?

**Joe** – Sim, eu pretendo fazer isso em algum momento. Agora tudo mudou, eu já to a bastante tempo assim, tudo deve parecer novo, mas eu quero visitar, ver o que mudou, os meus amigos, é uma boa coisa você ver de onde você veio, e o que mudou, viajar um pouco.

**André** - Algo que queira nos dizer?

**Joe** – Sim quero dizer que todos os amigos, o *Ulpan* são realmente boas pessoas, estudar hebraico, estudar tudo, se misturar com a sociedade israelense, precisa ser assim. Isso de várias pessoas virem de todos lugares, com hobbies diferentes, é muito legal. Eu to muito feliz de vocês terem falado comigo, queria agradecer vocês, todo *Ulpan* que vem é o mesmo, são realmente muito boas pessoas.

**João** – Também pensamos assim.... *Hmdemendê*.

**Joe** – *Hmdemendê*.

**André** – *Todaraba irmão*.

**Joe** – *Todaraba lachem achim*.

**João** – *Zeú*.

*Traduzido do hebraico com ajuda de Albert Bercovici*